O DEMOCRATA

Semanário Republicano de Aveiro (AVENÇADO)

ANO 44.º — Sábado, 7 de Abril de 1951 — N.º 2189

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Redacção e Administração: Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Comb. da G. Guerra — Telef. 125

Director e Proprietário: *Arnaldo Ribeiro*

Editor e Administrador: Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Porto *Agência Havas*

SENTENÇA

Teve a maior retumbância em todo o país a que no último sábado foi proferida no nosso tribunal pelo meritíssimo juíz da comarca, sr. dr. José Luís de Almeida, sobre o caso da Moagem e que era aguardada com a maior ansiedade depois da declaração prévia do digno magistrado ao afirmar na última audiência;

—Estou quase no final da minha carreira. Quero sair dela como entrei: com aquela nótula da verdade, da sinceridade e do aprumo que sempre tenho mantido.

Com efeito, o sr. dr. José Luís de Almeida acabou de provar nesta terra, por forma iniludível e elevada, quanto enobrece a Justiça e ainda mais: o seu carácter, as suas virtudes, a sua inconcussa probidade.

O que no sábado ficou assinalado entre nós não foi apenas uma atitude por muito estranho que isso pareça, não; foi, para todos os efeitos, a dignidade dum magistrado à devida altura, que prestigiou a classe e compreende a função do elevado cargo que ocupa na sociedade.

Honra lhe seja.

Pena temos nós de não podermos inserir na íntegra o trabalho que levou o sr. dr. José Luís de Almeida a absolver a Moagem. E' um documento que ficará na história dos tribunais a atestar o valor, a isenção e a honorabilidade de quem o redigiu.

Aveiro exultou com a absolvição dos arguidos, tendo inclusivamente a Intendência Geral dos Abastecimentos, cujos representantes assistiram ao sensacional julgamento, felicitado o sr. dr. José Luís de Almeida pela nobreza e correcção como decorreram desde a primeira hora os trabalhos a que presidiu, ou sejam as 28 audiências, contando com a última em que foi proferido o *veredictum*.

O Democrata, por sua vez, felicita também todos os arguidos, especialmente os srs. Egas Salgueiro e Alberto Casimiro da Silva, visto que, sendo de Aveiro, se congratula por ver rodeados da maior consideração todos os seus filhos.

Feira de Março

—o—

Aveiro encheu-se no último domingo de forasteiros que deram à cidade grande movimento e ao mercado do Rossio extraordinária animação.

De carro, em bicicletas, pelo caminho de ferro e a pé, inclusivamente, foi uma aluvião, que transformou por completo o burgo e deu vida a esta terra, tornando-a conhecida de muitos.

Destaca-se no lugar próprio dos divertimentos, o Circo Luftman, cujos trabalhos são dignos de apreço e de admiração, sendo, porém de lamentar que os espectáculos da noite principiem tão tarde. De resto, a tradição parece manter-se, pelo que a Feira de Março vai de vento em poupa mesmo com o barracão camarário a tomar-lhe o espaço que bem podia ser utilizado em coisa melhor, mais útil e até mais proveitosa. Mas enfim: deixem correr que atraz de tempo, tempo virá.

Não quererão ainda crêr?

CONFERÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Realizaram-se durante três dias no Teatro Aveirense, sob a Direcção do Distrito Escolar de Aveiro, sessões dos «Cursos de Aperfeiçoamento» que foram muito concorridas.

Na sessão de abertura falou o sr. dr. Vaz Craveiro, médico escolar da vila de Ilhavo, e na de encerramento o sr. dr. António Cristo, terminando por uma récita infantil pelas crianças da Escola Feminima da freguesia da Glória, em que pontifica a sr.ª D. Irene Santos Cruz.

Da vida que passa

Por lapso não noticiámos a semana passada, o falecimento, em Braga, do venerando republicano Simões de Almeida que foi revolucionário do 31 de Janeiro e uma figura de relevo e de destaque, devido aos primores do seu carácter e à nobresa dos seus sentimentos.

Contava 90 anos e no funeral, que se realisou civilmente naquela cidade encorporaram-se numerosas pessoas, que assim prestaram derradeira homenagem a essa relíquia da República que, com os seus exemplos, tanto a prestigiou.

O Democrata curva-se ante os seus despojos.

Falta de espaço

Há ocasiões que nos apoquenta demasiadamente, tornando-se difícil dar-lhe remédio.

E' por isso que optamos por a virtude literária de dizer muito em poucas palavras.

De Viana a Aveiro

Visita amanhã a nossa terra um grupo de habitantes da cidade amiga de Viana do Castelo, com Eugénio Pinheiro à frente.

Sejam bem-vindos.

O CUSTO DO PAPEL

Estas linhas recortamo-las do *Correio do Ribatejo*, que é o jornal mais antigo e de maior tiragem no distrito de Santarém:

Das coisas e não são poucas, que mais atormentam a vida da chamada pequena imprensa, é sem dúvida o custo do papel que mais dores de cabeça traz aos que se empenham em manter acesas estas lamparinas regionais.

Afeitos,como estávamos, a adquirir na Suécia o excelente papel com que brindávamos o leitor, um dia chegou em que nos deram a lastimosa notícia do mesmo ter sido onerado com 50 por cento de aumento, lá na origem!

Ao fabrico nacional, incomparàvelmente mais caro, tivemos de recorrer, suportando de cara alegre o desgaste, de que o leitor não tem culpa, está bem de ver.

Tudo isto por causa do temor da guerra e da celulose ser artigo que escasseia nos países nórdicos, reclamado, —embora o não pareça,—para o fabrico de munições.

Esperançados estamos agora naquela fábrica de pasta de papel que nos dizem ir ser um facto, brevemente, em Cacia, com a ajuda do plano Marshall.

Oxalá assim seja e um dia próximo nos valha esse recurso, ainda a tempo de em nossa vida ter papel barato para servir o leitor, sem lamúrias, fornecendo-lhe mais do que uma vez por semana este magro pitéu que, por este preço, perdoará continuar recebendo só aos sábados...

Vivemos, pois, de esperanças, que é o remédio.

Mas até quando?

* * *

A propósito: o nosso amigo e antigo assinante, sr. Vitorino Casal Ribeiro, de Espinho, pagou com 100$00 o ano do jornal, enfileirando, assim, no número daqueles que sabem dar valor ao azeite necessário para alimentar a chama das tais *lamparinas*, segundo o colega ribatejano.

Magistratura

Promovido à 1.ª classe, deixou a comarca de Ovar, sendo colocado num dos tribunais do Porto, o juíz de Direito sr. dr. Carlos Vilas Boas do Vale, nosso conterrâneo.

As nossas felicitações.

Artigo

Por força das circunstâncias somos obrigados a deixar para a semana o do nosso assíduo colaborador, Joaquim Carreira, a quem pedimos indulgências.

Circulo de Cultura Musical

A Delegação desta cidade levou a efeito, no *Aveirense*, o 4.º concerto da temporada com os afamados artistas franceses Yvonne Asture, que tocava violino e André Collard, piano.

Receberam ambos nutridos aplausos.

ASILO-ESCOLA DISTRITAL

Tendo pedido a sua exoneração do cargo de director, retirou no último sábado para a capital, acompanhado de sua esposa e filhos, o sr. Luis Guerra de Barros, a quem agradecemos os seus cumprimentos e 20$00 que deixou para os pobres do *Democrata*.

Não sabemos ainda quem o substituirá na direcção daquela casa, que continua numa situação difícil, sob todos os pontos de vista.

Em Cavalaria 5

No quartel deste regimento teve lugar, na penúltima sexta-feira, uma cerimónia de recepção aos recrutas da nova encorporação, fazendo uma interessante palestra o aspirante Martins das Neves, que focou a necessidade do serviço militar e as vantagens do mesmo pela cultura adquirida e pelo desenvolvimento da educação física.

Do programa fizeram parte, também, gincanas de motos e de jepes, exercícios de ginástica, aplicada, por cabos e soldados e poules hípicas para oficiais e sargentos.

Mérito e dificuldades da pequena imprensa

Com o título da epígrafe, transcrevemos do *Diário de Coimbra*, órgão do movimento regionalista das Beiras:

Nunca a nossa pequena imprensa teve vida desafogada.

Só à custa de muitos e pesados sacrifícios, ela tem conseguido manter-se na linha de batalha, sofrendo, de vez enquando, algumas baixas nas suas fileiras. E, contudo, dela tem recebido a Nação incalculáveis benefícios, que, numa pasmosa inconsciência, passam despercebidos para muita gente.

A pequena imprensa é o porta-voz de todas as legítimas aspirações locais; é a espada sempre em riste, na defesa dos fracos, dos oprimidos e dos necessitados; é o grande baluarte das regalias regionais; é a desassombrada tribuna onde se defendem, intrèpidameute, os direitos do Povo.

E este, que tantas provas de gratidão tem dado, através de oito séculos de independência nacional, é ingrato, em desclaradora percentagem, para a pequena imprensa!

Recibos devolvidos, calotes, gestos de indiferença, e até de desdém, são *o pão nosso de cada dia.*

Frequentíssimas vezes os distribuidores dos correios ouvem esta frase desonesta e ingrata, saída da boca dos homens, que são tidos como pessoas de bem: — *Eu não pago jornalecos!*

E estes *honrados* cidadãos, que se recusam a pagar jornalecos, como eles chamam, depreciativamente, aos pequenos periódicos, não se dão ao trabalho de escrever um postal, pedindo a suspensão ou o corte da sua assinatura, nem devolvem o jornal.

Estes inconcusos cidadãos, estes tronos de probidade, estes homens da consciência cristalina como a água que brota em golfadas brancas da dura fraga, fingem ignorar que um jornal, por pequeno que seja, dá muito trabalho e é muito dispendioso. Só a despesa da impressão e do papel, sem falarmos, portanto, do trabalho da redacção e da administração, chega para pôr em sérios embaraços qualquer pequena empresa jornalística, se esta não for bem compreendida e auxiliada por muitos e honestos leitores.

Se o número destes fôr muito reduzido, e sobretudo, se eles não forem honestos no pagamento integral das suas assinaturas, o jornal não pode viver. Falta-lhe a seiva, o sangue, que lhe dá vida, que é o auxílio pecuniário do leitor.

O assinante caloteiro é duplamente desonesto; porquanto, além de não pagar a assinatura, ainda sobrecarrega o jornal com repetidas e onerosas cobranças. Outrossim contribui para enfraquecer a vida dum jornal o assinante que se deixa atrazar no pagamento da sua assinatura, tornando-se a causa da repetição de cobranças, que hoje ficam muito caras, e ocasionando a falta de recursos pecuniários do mesmo periódico, sem os este não terá emdia as suas contas, não pode satisfazer regularmente os seus pesados encargos.

Auxiliemos a pequena imprensa. Com muito menos do que gastamos em bebidas alcoólicas, que só nos fazem mal, podemos ter, a par do nosso diário preferido, um semanário do nosso concelho ou do nosso distrito, o qual está sempre pronto a defender os nossos direitos e as nossas regalias regionais.

Há muita gente — e é mesmo o maior número — que não pode ter um jornal diário. Mas pode e deve assinar um semanário ou um quinzenário da sua região, em defesa da qual se publica e se bate.

Passarmos sempre sem pão é, indubitàvelmente, um mal maior do que comermos algum, embora pouco, e apenas uma ou duas vezes por semana.

Ainda que o pão não seja de 1.ª, nem por isso deixa de ser bom para a saúde. Há quem diga que o pão de toda a peneira é o melhor para saúde... Que importa que tenha alguns farelos se estes são ricos de vitaminas?...

O pequeno periódico é menos noticioso do que os grandes diários. Doutrinária e literàriamente, porém, nem sempre lhes é inferior.

No futebol, o desporto que mais tem apaixonado a presente geração, temos assistido, por vezes, e não poucas, a desafios das reservas e das divisões inferiores, que, quanto à técnica, lealdade, disciplina e correcção, suplantam, e muito, alguns jogos turbulentos e bélicos e cruelmente contundentes de afamados grupos da Divisão maior.

Que a grande imprensa me perdoe estas considerações que, sinceramente se me afiguram judiciosas. Fico em boa harmonia com a minha consciência, porque venho em defesa dos pequenos, sem ser injusto para os grandes. Estes não precisam de advogados — muito menos de humildes defensores, como eu — para poderem cumprir a sua nobre missão, que eu muito respeito e admiro.

JOSÉ FRANCISCO PEREIRA

Aveiro arqueológico, artístico e monumental

OS TÚMULOS

VI

pelo Dr. Alberto Souto

Seguindo a ordem cronológica, e sem sairmos da cidade, o monumento feral que nos chama a atenção depois do túmulo de D. João de Albuquerque, é o de D. Catarina de Ataíde, na capela-mór da igreja de S. Domingos, presentemente servindo de Sé.

Está hoje oculto pela armação do sólio episcopal, mas não é difícil de ver-se. Fica do lado do Evangelho ou seja do lado esquerdo de quem se dirige ao altar.

E' em calcáreo de Ançã e em estilo do Renascimento. Em algumas publicações tem-se afirmado ser de granito. Trata-se de um equívoco. Nós não temos na Beira-Mar de entre Vouga e Mondego nenhum túmulo artístico de granito. O único de granito existente na região vouguense do litoral é o de S. João de Ovar, em que falei de entrada, e que só é digno de menção pelo seu valor documental no âmbito da etnografia tumular ou da arqueológica funerária e cujas formas rudes e arcaicas precedem de alguns séculos o ciclo dos monumentos eruditos que são o objecto destes artigos.

Os túmulos artísticos regionais, excluindo as urnas das santas de Arouca e do Lorvão, a que também preliminarmente aludi, são todos de calcáreo ou de mármore. Os renascentistas, esses, são naquele calcáreo branco do tipo de Ançã que foi a matéria predilecta dos arquitectos e escultores de Coimbra nos séculos XV e XVI.

* * *

O túmulo de D. Catarina de Ataíde é uma obra da segunda metade do século de quinhentos, da pura escola coimbrã em que pontificaram Chanterene, Hodarte e João de Ruão.

O que o notabiliza, é exactamente o facto, que hoje ponho em relêvo, de pertencer à série monumental dos notáveis túmulos de tipo ediculado ou de arcosólio que são os de S. Marcos, Trofa do Vouga e Capela do Sacramento da paroquial de Cantanhede, quasi todos obras primas da arte e do estilo do Renascimento mondegano dos mestres franceses.

Não atinge a magnificência arquitectural e escultórica dos monumentos desses panteons de alta fidalguia, mas singelo e modesto, como o classificou o sr. dr. Carlos de Passos, é de uma família também nobre e senhorial e era bem digno de sorte melhor do que a que teve.

Maltratado como foi e mesmo mutilado como está, não deve continuar ferido pela inconsideração que dele se tem feito na cidade. Basta dizer-se que é o único exemplar que possuimos, intra-muros, da arte funerária da Renascença post-manuelina, como o de João de Albuquerque é o único pre-manuelino de toda a Beira-Mar.

Se não é grandioso, não há muitos assim; nós não temos outro, e cumpre-nos estimá-lo e apontá-lo aos visitantes que não podem andar a desvendar os recessos das nossas igrejas procurando aquilo que nelas está escondido e que nós desprezâmos.

Foi, infelizmente, vandalizado no século XVIII, não por quaisquer hordas invasoras como sucedeu na Batalha e em Alcobaça, mas pela mania insensata que houve em todos os tempos de sacrificar o mais antigo ao mais moderno e de aplicar, sem critério, os figurinos de hoje àquilo que foi moda e gôsto de antanho, muitas vezes destruindo o sólido e o bom anteriores para os substituir pelo postiço e o medíocre gerados no pedantismo de novidades inadequadas.

Todas as épocas, até mesmo aquela que nós vivemos, teem sofrido deste mal dos inovadores de barataria sem tino, e o que se fez na capela-mor de S. Domingos, no século de setecentos, é uma prova dessa insânia que tem mascarado e deturpado tantos monumentos, sem respeito pelo que eles foram e representam e pelo que valem para a história de um povo e para a afirmação da sua cultura.

Construir de novo, no estilo e

à maneira da época, é uma coisa e bem recomendável. Alterar o que as outras épocas fizeram no gosto e forma do seu tempo, é outra coisa e, por vezes, bem desacertado.

Quando quizeram adornar a capela-mor de S. Domingos com uns *bonitos* do género *rocócó*, não estiveram com meias medidas: desbastaram a golpes de escôpro e camartelo todos os ornatos salientes deste túmulo e aplicaram-lhe, exteriormente, uma guarnição de madeira ao paladar, então *modernista*, dessa época, sem dúvida com o intuito de o tornarem mais *moderno* e mais *bonito*... O mais *moderno* e mais *bonito* tem sido um desastre para o *belo* verdadeiro, e a mania do *bonito* dos estilos e gostos do século XVIII foi um autêntico flagelo para a integridade dos nossos veneráveis monumentos do Românico, do Gótico e da Renascença.

O túmulo de D. Catarina de Ataíde não escapou à mania e ao maneirismo do *«rocaille»* que perduraram até ao nosso tempo e tanto que até na mesma igreja, nos últimos anos do século XIX, se fez, num ingénuo anacronismo de *recócó*, o camarim para a dolorosa imagem do Senhor dos Passos da oficina de Teixeira Lopes.

Caso é que no século XVIII, segundo creio, cortaram e razaram, a marrêta e a cinzel, todos os ornatos salientes das pilastras, da arquitrave cimeira e do basamento, do túmulo de D. Catarine de Ataíde e, ainda, as frontes dos bustos dos medalhões vazados que tão característicos são da Renascença e em cuja es cultura os artistas punham sempre o melhor do seu saber.

Como se isto não bastasse, e certamente para roubar qualquer objecto de valor que os profanadores de túmulos sempre supõem acompanhar os defuntos nobres e ricos, houve quem arrombasse a tampa da urna ossuária que teve de ser tapada a argamassa e ficou defeituosa.

Nem os mortos, nos seus sarcófagos, escapam à sanha rapace da ladroeira que, como veem, tem também a sua triste história e lamentável tradição.

* * *

O monumento é formado por um arcosólio enquadrado entre duas pilastras ornamentadas que correm de alto a baixo e sustentam a arquitrave vandalisada.

E' o sistema geral dos monumentos congéneres dos panteons da Trofa e Cantanhede, para não falarmos mais de S. Marcos onde todos os túmulos são também em edículos.

No basamento do arco repousa a urna funerária que méde um metro e vinte de comprido.

O arcosólio propriamente dito parte de dois colunelos cilíndricos de fustes lisos e capiteis muito simples, mas que são como os dos túmulos do lado do Evangelho do Panteon dos Lemos.

A esses colunelos seguem-se *pés direitos* com suas impostas de uns oitenta centímetros de largura ou profundidade. No tímpano do fundo está esculpido o brazão dos Sousas, marquêses de Arronches, com a mesma heráldica que se ostenta no alto do arco triunfal da igreja e envolto numa grinalda ou corôa vegetalista, formada por folhas e frutos entremeados de rodelas, exactamente como se encontra na Trofa, no moimento de D. Joana de Melo, mulher de D. Duarte de Lemos, grupo do lado da Epístola.

Porém, no túmulo da fidalga da Trofa, a grinalda pende da charneira de uma grande concha planificada, enquanto que no túmulo de D. Catarina de Ataíde a corôa de frutos com o brazão dos Arronches está segura por dois anjos em baixo-relevo.

Neste pormenor, mas apenas neste, é mais rico o túmulo da Sé de Aveiro.

As impostas dos *pés direitos* laterais do edículo continuam-se e unem-se por uma espécie de arquitrave que divide a parede fundeira e separa o tímpano.

Por baixo da arquitrave esboçada a baixo relêvo, vê-se, como em cenografia, e também baixo-relevado, um pórtico de três arcos de volta inteira com dois pequenos oculos circulares e janelinhas entreabertas.

Este motivo ornamental, diferente no desenho, mas no mesmo gosto dos fundos ediculares dos túmulos dos Menezes, de Cantanhede, encontra-se nos quatro túmulos do Panteon dos Lemos e na Capela do Tesoureiro, em Coimbra, onde aparece igualmente o pórtico triarcado, apenas sem óculos nos vazados e sem janelas, o que constitue uma das razões que me levam a crêr que tudo seja projecto do mesmo autor ou, pelo menos, obra da mesma companha.

* * *

Vejâmos mais algumas semelhanças e diversidades.

Na Trofa, nos túmulos do lado da Epístola, que são os do «Fidalgo» e irrequieto batalhador da Índia e do Brasil, e de sua esposa, bem como num do lado do Evangelho, os *pés direitos* laterais apresentam-se caneiados por molduras de pérfil curvilíneo chamados em arquitectura *junquilhos* e cortados em *bizel* a meia altura, como notou o Dr. Aarão de Lacerda.

No túmulo de Aveiro, as paredes laterais interiores não teem esse ornato.

Na Trofa, como em Cantanhede, o intradorso, ou abóbada do arcosólio, é apainelado e os quadros em que se divide, são alternadamente lisos e ornados com florões de baixo relêvo.

Na Trofa há vinte quadros por cada arcosólio e em Cantanhede ainda mais.

No mausoleu da ousia da catedral de Aveiro existe o mesmo dispositivo, mas os quadros do apainelado formam uma série simples e não dupla; são apenas nove e todos eles se apresentam com o seu florão ao centro, mais singelo e menos cuidado.

Em S. Domingos a urna ossuária assenta sobre carrancas esculpidas nos próprios cantos e está quási completamente desprovida dos ornatos superiores que foram partidos e que nos ossuários dos Lemos estão ainda perfeitos. Na Trofa há urnas sobre lebreus estelisados.

Em Aveiro o epitáfio está gravado na face principal e lisa da arca, o que sucede também na Trofa, mas não em Cantanhede, onde as faces das urnas são delicadamente gravadas. A semelhança geral da concepção é, porém, flagrante entre os túmulos da Trofa e este da nossa catedral.

* * *

O epitáfio ou inscrição do mausoleu de D. Catarina de Ataíde reza assim:

«Aqui jaz Dona Catarina de Ataíde, filha de Alvaro de Sousa e de Dona Felipa de Ataíde. Neta de Diogo Lopes de Sousa e por ser devota desta casa lhe deixou vite mil res de juro tem porisso missa cotidiana e lhe deram a capela a ela e a seu pai e mãi e herdeiros descendentes. Faleceu a 28 de setembro de 1551 anos.»

Nenhuma dúvida há, pois, sobre a identidade familiar ou ascendência da nobre senhora ali sepultada, mas sobre a sua figura paira uma grande interrogação: será esta a *Natércia* de Luís de Camões?...

Na Trofa estabeleceu-se confusão entre o Duarte de Lemos, da Índia, e o seu neto e homónimo que, segundo a versão popular, se atirou um dia com seu cavalo da ponte de Coimbra abaixo, para não ter de saudar o rei Felipe de Castela, contra quem combatera ao lado do Prior do Crato.

* * *

Como D. Catarina de Ataíde faleceu em 1551, o seu moimento deve pertencer à decada 1550-1560. E' a época do pleno domínio da arte renascentista coimbrã, distanciada já do Manuelino e ainda não tocada do rigorismo clássico nem do barroquismo que se lhe seguiram.

E', portanto, um monumento puro do seu estilo.

Pela rápida descrição comparativa que acabo de fazer, verifica-se a manifesta afinidade existente entre este túmulo e os do Panteon dos Lemos, embora estes tenham a seu favor a monumentalidade do conjunto, a superioridade da sua riqueza escultórica e decorativa, a mais perfeita execução e uma conservação excelente.

A meu vêr, enquanto que nos monumentos da Trofa trabalharam pessoalmente os mestres, quere esculpindo a estátua orante, quere as figuras dos medalhões, quere os próprios ornatos das pilastras, no mausoleu da filha do Marquês de Arronches foram meros oficiais ou subalternos os lavrantes. Mas estes eram ainda de boa escola e perfeitos e leves no manejo do cinzel ou buril, porque os caprichos decorativos relevados não acusam aquele grosseirismo que se nota em muitos trabalhos de imitação que encheram as nossas igrejas e chegaram a tomar aspectos de rusticidade.

Na decoração dos pedestais e fustes aparecem em Aveiro emblemas à romana e da paixão de Jesus, seguidos por uns ramalhetes de flores e frutos como sucede em Cantanhede e na Trofa e, também, no arco da capela do Senhor dos Passos da mesma igreja da Sé.

A gramática decorativa aqui utilizada é que foi incomparàvelmente mais simples e desprovida de temas do que a dos ornamentadores dos grandes monumentos similares referidos, temas que na Trofa são particularmente variados, profusos e requintados.

* * *

Não podemos aquilatar do merecimento daquilo que o escopro e o picão brutalmente destruiram. E' possível que o basamento, sóco ou altar, fosse ornado no seu frontal com uma carteia, como era corrente, e é possível que os bustos dos medalhões revelassem lavor de qualidade. Esses bustos costumam figurar S. Pedro e S. Paulo ou personagens alternadamente masculinos e femininos.

Do que nos resta, o melhor e digno de nota é o relevo do brazão e da alegoria que o cerca no fundo do edículo ou seja a composição heráldica com a grinalda e os anjos tenentes, de que existe no Museu Regional um exemplar análogo, sinal de que a Renascença coimbrã teve em Aveiro uma representação muito mais notável do que o que se tem supôsto e que eu espero, noutro trabalho, especialmente referir.

* * *

Que podemos nós pensar da autoria deste sepulcro?

A autoria das obras de Arte é hoje uma questão apaixonante dos meios cultos de todo o mundo.

E' bem possível que o túmulo de D. Catarina de Ataíde seja obra da oficina de João de Ruão que ao tempo, em Coimbra, associado a Diogo de Castilho, tomava de empreitada muitos trabalhos para o vale do Mondego e terras visinhas e que de 1558 a 1565 trabalhava morosamente na chamada Capela do Tesoureiro, em S. Domingos de Coimbra, à rua da Sofia.

Os anjos parecem ter um certo ar de parentela fisionómica com algumas figuras do retábulo da Sé da Guarda, empreitada de João de Ruão, mas obra de seus colaboradores, e com as figuras e anjos do retábulo da igreja de Agueda.

Na expressão fisionómica e na maneira dos anjos de Aveiro, nenhuma semelhança há com os profetas de Cantanhede, nem com a encantadora Senhora da Rosa da mesma igreja, atribuida a Lucin, nem com as figurinhas da Varziela.

Em 1560 João de Ruão trabalhava como arquitecto e abandonara a escultura em que fôra exímio. Os anjos dos armoriais desta cidade devem ser trabalho de um oficial, de certa qualidade. Quem sabe se não serão do próprio Tomé Velho, grande discípulo do mestre ruanez?!

As afinidades arquitectónicas e decorativas do desenho do monumento com os túmulos de Cantanhede, provadamente de João de Ruão, e com os da Trofa, que o dr. Aarão de Lacerda opinou serem do mesmo artista ou da sua oficina, é que são inegáveis e tornam admissível, a meu vêr, a atribuição que aqui faço da obra arquitectónica à oficina do mestre francês, tanto mais que não é de crêr que a Casa de Arronches fosse encomendar a canteiros de inferior categoria uma contrafação dos modelos que o grande artista, ainda vivo, tinha criado ou construido para famílias de igual linhagem nas terras de entre Vouga e Mondego.

* * *

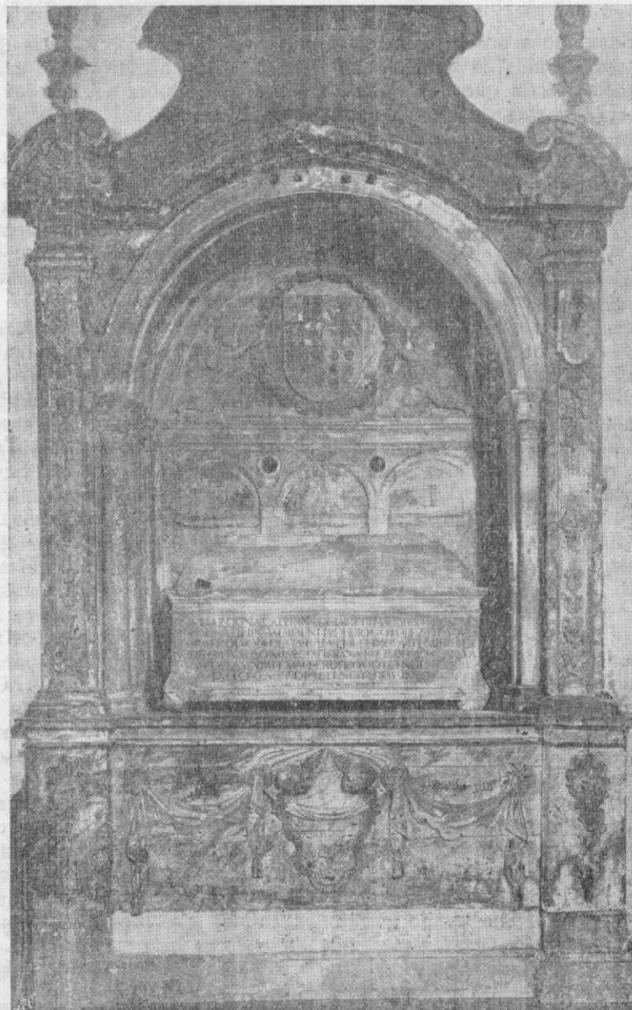
Explicado artisticamente, quanto me foi possível, e integrado como fica o infeliz monumento na escola renascentista coimbrã, resta saber se a dama ali tumulada foi ou não aquela Catarina de Ataíde que inspirou ao nosso grande épico a mais famosa das suas paixões e que ele imortalizou sob o tão conhecido anagrama de *Natércia*, *a alma gentil que se partiu tão cêdo desta vida descontente...*

Vários escritores o admitiram e afirmaram, entre eles Camilo Castelo Branco.

Não quero profundar o problema, mas apenas lembra-lo, deixando para outros o seu estudo e solução.

Marques Gomes contrariou a hipótese, opinando que a Catarina de Ataíde que Luís de Camões amou, era a filha de D. António de Lima e de D. Maria Boca-Negra e não a de Alvaro de Sousa e de D. Felipa de Ataíde, tumulada em S. Domingos.

Seja como fôr; a afirmativa, a própria dúvida e a mesma negativa a tal respeito, não deixam de dar notoriedade ao monumento.

Pelo lado artístico e turístico podemos fixar o seguinte: o túmulo de D. Catarina de Ataíde documenta nesta cidade a notável escola dos mestres franceses da Renascença coimbrã. Merece, por isso mesmo, o carinho dos aveirenses, sem desmerecer um golpe de vista daqueles visitantes, já muito numerosos, cujo espírito delicado e culto se interessa por todas as manifestações históricas da Arte em qualquer parte onde elas se encontrem.

TÚMULO DE D. CATARINA DE ATAÍDE, NA IGREJA DA SÉ. A OBRA RENASCENTISTA DO SÉCULO XVI FOI MASCARADA PELA APLICAÇÃO DE MADEIRA DO SÉCULO XVIII.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Maria da Luz M. Lima Pinto, esposa do sr. Artur José Pinto, residentes no Porto; ámanhã, a sr.ª D. Virgínia Serrão Alvarenga, esposa do nosso amigo Pompeu Alvarengg; no dia 9, as sr.as D. Maria La Salete Sarabando Vinagre, esposa do sr. Manuel Moreira Vinagre, guarda-livros da Fundição Aveirense, D. Ilda da Conceição Ferreira, esposa do comerciante sr. Albano Ferreira e D. Maria de Pinho Gilvaz, cunhada do sr. Jaime Magalhães, ausentes no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil) e o sr. Alvaro da Rosa Lima, residente na capital; em 12, a sr.ª D. Maria Carolina Arroja, irmã do sr. José Martins Arroja, e o sr. Neftali Duarte, e em 13, a sr.ª D. Lourdes Campos Amorim, esposa do sr. Adriano Campos Amorim.

Partidas e Chegadas

Depois de ter passado alguns meses nesta cidade, retirou para a Batalha, onde reside, a sr.ª D. Bárbara da Costa Crespo.

—Estiveram nesta cidade a sr.ª D. Maria Emília Vieira de Carvalho, residente na Guarda, e o sr. Jaime M. Lima, aspirante de Finanças em Monção.

—Também aqui abraçámos o dr. Miguel Peres de Vasconcelos, professor do Liceu Alexandre Herculano, do Porto.

Doentes

A-fim de se sujeitar a determinado tratamento indicado pela medicina, deu entrada, ante-ontem, num quarto particular do Hospital de Santo António, do Porto, o nosso presado amigo António Madail, do próximo lugar de Verdemilho.

Os nossos votos, muito sinceros, é que as melhoras se vão acentuando de maneira a regressar em breve ao seio da família, completamente restabelecido.

—Não passa bem de saúde o nosso colaborador Crisanto de Melo, a quem desejamos as melhoras.

Comércio local

Abriu, domingo, na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, a nova *Ourivesaria Carvalho*, cujas instalações revelam bom gosto, achando-se guarnecida com os mais variados e artísticos objectos de ouro, de prata e relógios das melhores marcas.

E' seu proprietário o sr. Manuel Atanásio de Carvalho Pontes, a quem desejamos as máximas prosperidades.

* * *

Na mesma artéria inaugurou uma filial a *Mercantil Aveirense, L.da* que também se encontra magnificamente instalada.

São mais dois estabelecimentos que honram a cidade.

Os mortos da República

Completam-se hoje 30 anos sôbre o falecimento do dr. Alexandre Braga, eloquente orador, que muito se evidenciou na propaganda republicana.

Chegava a arrebatar a assistência nos tablados dos comícios.

Garraiadas

Realizou-se, no domingo, a que estava anunciada com o cavaleiro Domingos Canastra, sendo assistida da pela *Banda Amisade*.

Foram lidados 6 garraios, tendo tomado parte, além doutros, o conhecido bandarilheiro Agostinho Coelho e um grupo de amadores de Lisboa.

* * *

Para amanhã está marcada outra, devendo fazer as honras da tarde a castiça cavaleira ribatejana Maria da Graça, que é a primeira vez que visita a nossa terra.

Nota-se certo interesse por esta corrida, que também é dedicada às damas de Aveiro.

O Democrata vende-se no ***Estanco Flaviense***, **Rua dos Mercadores.**

Benemerência

—o—

Enviados pelo comerciante sr. Albano Ferreira, distribuímos na quarta-feira, 1.º aniversário da morte de seu sogro, João da Costa Ferro, a quantia de 50$00 com que contemplámos, em partes iguais, os seguintes necessitados: António Ferreira, R. da Corredoura; Margarida Raposo, idem; Conceição Taínha, R. do Carril; Ilda Aurora Ramos, R. Direita; Alberto Encarnação, R. de S. Martinho; Isaura Carvalho, idem; Isabel da Conceição e Silva, L. Luís de Camões; José Rebelo Fernandes, R. de Sá; Maria Rosa Sá Oliveira, R. da Fonte Nova e uma envergonhada.

Em nome de todos, agradecemos.

* * *

A sr.ª D. Rosa Simões Cravo da Silva, que na companhia do marido, sr. José de Sousa da Silva, passou pela nossa Redacção, também deixou para os pobres do *Democrata* 20$00 em sufrágio da morte de uma filha, que perdera há dois anos.

Deveras reconhecidos.

O TEMPO

Continua invariável, sentindo-se ainda algum frio.

Na Primavera, francamente, é muito.

Afogado

—o—

No canal das Pirâmides apareceu na manhã de terça-feira o cadáver dum marítimo norueguês, Pettersen Grone Und, de 30 anos, que fazia parte, como motorista, do navio que adquiriu o sr. João Vilarinho e veio para a Gafanha afim de seguir integrado na frota bacalhoeira para a Terra Nova.

Supõe-se ter caído à ria depois de embriagado.

Companhia Aveirense de Moagens

AVISO

Dividendo de 1950

Informam-se os Senhores Accionistas que, a partir do próximo dia 15 de Abril, está a pagamento o dividendo de 1950 (Coupon n.º 22).

O pagamento será efectuado no escritório da Companhia, na rua 5 de Outubro, n.º 6, todos os dias úteis, das 10 às 15 horas, excepto aos sábados.

Aveiro, 3 de Abril de 1951.

A DIRECÇÃO

Correspondências

Costa do Valado, 5

Veio no domingo dar aqui um espectáculo o Grupo dos Unidos do Bonsucesso que levou à cena o drama *Fome e Honra* e a comédia *Morrer para ter dinheiro*, além dum acto de variedades com monólogos e cançonetas.

Agradou, sendo para lamentar que a assistência fosse diminuta.

—Com sua esposa a sr.ª D. Lucília de Carvalho Borralho e filho, seguiu ante-ontem para Lisboa, devendo na próxima semana embarcar no *Império*, com destino a Matadi (Congo Belga) o nosso presado amigo Manuel Ferreira Borralho, que aqui passaram alguns meses.

Desejamos-lhes feliz viagem e as maiores venturas.

C.

NECROLOGIA

Finou-se, com 50 anos, no estado de solteira, a costureira, Adozinda de Lemos, filha do sr. Ananias de Lemos, tendo-se realizado o enterro para o cemitério sul.

A toda a família as nossas condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Guilhermina de Matos, solteira, de 29 anos, filha do sr. Albano de Matos e em *Taboeira*, Júlia Nunes Marques, viúva, de 76.